A SCENA MUDA

Nº 150

Laura La Plante

FABIAN

A SCENA MUDA

SUMMARIO DO N.º 150 — 46.º DO ANNO III

— 7 DE FEVEREIRO DE 1924 —

PASCO

REFRESCO
DELICIOSO

DISTRIBUIDORES

PERNAMBUCO	FRATELLI VITA	RIO DE JANEIRO	COMP. GRACIEMA
BAHIA	FRATELLI VITA	S. PAULO	ZANOTTA, LORENZI & C.ᴬ
VICTORIA	FABR. YPIRANGA	PORTO ALEGRE	JORGE THOFEHRN & C.ᴬ
PELOTAS	CERVEJARIA RITTER		

RUA HILARIO RIBEIRO, 20 --- Telephone VILLA 1234

REP

A SCENA MUDA

ASSIGNATURAS

Um anno (série de 52 numeros)	48$000
Um semestre 26 numeros..	25$000
Estrangeiro....	60$000
Numero avulso.	1$000
Num. atrazado.	1$500

EDIÇÃO DA COMPANHIA EDITORA AMERICANA

SOCIEDADE ANONYMA

DIRECÇÃO DE RENATO DE CASTRO

Praça Olavo Bilac, 12 e Rua Buenos Ayres, 103

ENDEREÇO TELEGRAPHICO REVISTA

Telephones: — Directoria N. 1... Redacção e Administração N. 3660

Correspondencia dirigida a AURELIANO MACHADO, DIRECTOR-GERENTE

N. 150 — 46° — DO 3.° ANNO || RIO DE JANEIRO, 7 DE FEVEREIRO DE 1924

REVISTA DA SEMANA

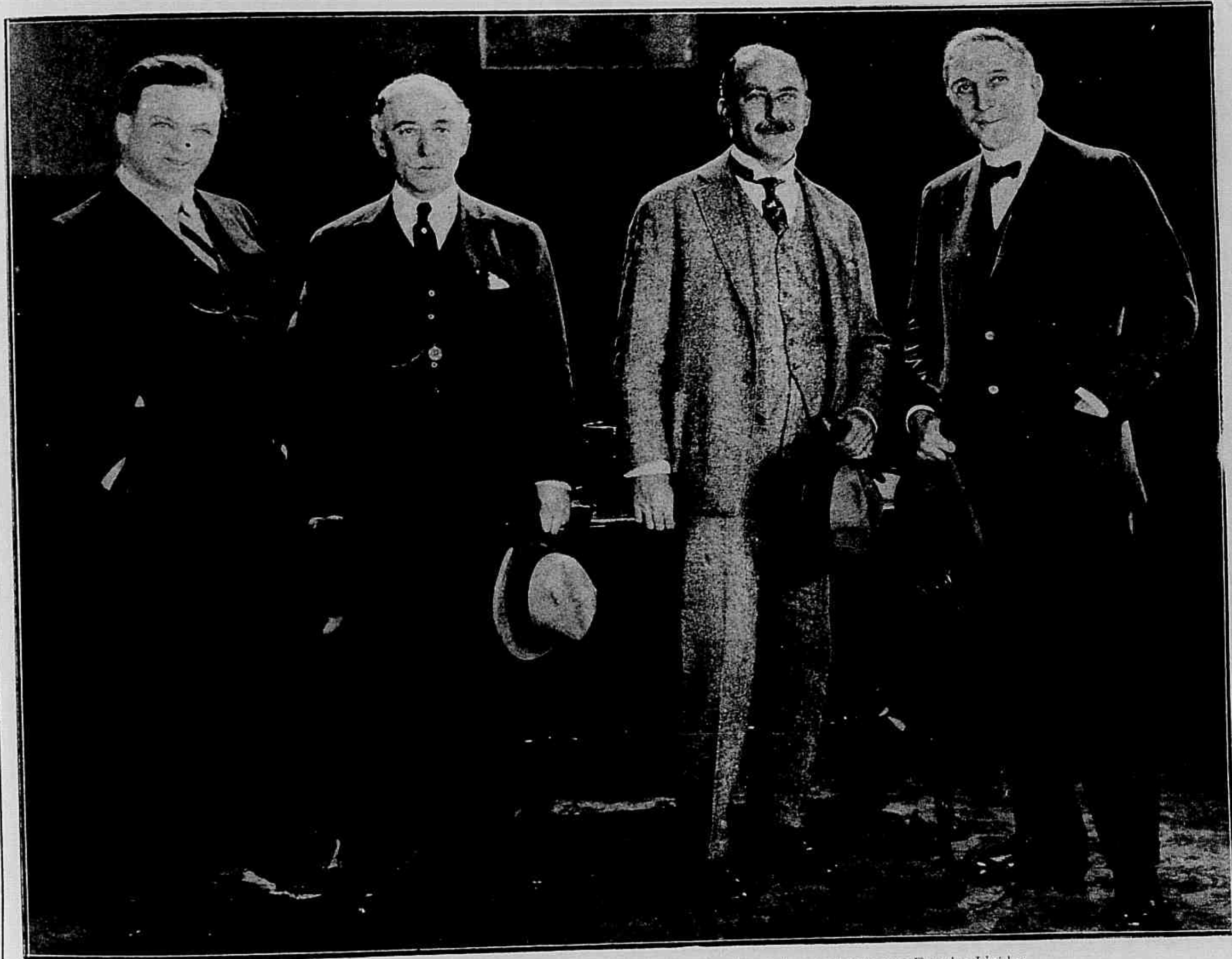
ASSIGNATURAS

Um anno	50$000
Seis mezes	26$000
Estrangeiro	55$000
Numero avulso	1$200
Numero atrazado	1$500

EU SEI TUDO

MAGAZINE MENSAL

ALMANACH EU SEI TUDO

NOVIDADES NA TELA

O Sr. Alberto Rosenvald director da Fox Film do Brasil, acaba de chegar de sua viagem aos Estados Unidos. A photographia acima representa-o nos escriptorios da Fox, em New-York em companhia dos Srs. Eugenio P. Cetran, representante da Fox, na Republica Argentina, Sr. Harry Millarde, ensaiador do famoso film *O Inverno Chegou* e o Sr. Gordon Edwards, ensaiador do film *A Rainha de Sabá*.

O «AZAR» DO FILM «LARANJAS SYLVESTRES»: — KING VIDOR não está com sorte na impressão do film «*Laranjas Sylvestres*». O accidente soffrido por JAMES KIRKWOOD fez com que tivesse de impressionar novamente varias scenas do mesmo film, nas quaes foi substituido por FRANK MAYO e com isso teve um prejuizo de 75.000 dollars.

Alem d'isso já soffreram ferimentos de menos gravidade desde que se iniciaram os trabalhos: — VIRGINIA VALLI, JIMMY DUGGAN, FORD STERLING, e o proprio KING VIDOR.

—x—

A ESPOSA de RUPERT HUGHES que fez, ha cousa de cinco mezes uma viagem ao Extremo Oriente sahiu de Yokohama um dia antes de se iniciar a horrivel catastrophe, que destruiu quasi por completo aquella grande cidade japoneza.

Já é ter *pello*.

QUANDO COLLEN MOORE se preparava para impressionar «*Look your best*», passou 15 dias em dieta de summo de limão, com o que conseguiu diminuir cinco kilos, mas para as ultimas scenas devia recuperar seu peso e decidiu então passar uma semana de cama, bebendo muito leite e fartando-se com massas e ovos.

Em pouco tempo voltou a ter seu peso normal.

Depois ainda fallam da vida livre e despreoccupada das actrizes cinematographicas.

PRISCILLA DEAN deixou a *Universal* e pensa em formar companhia propria, onde possa, ella propria escolher os enredos que mais lhe convenham para não estar submettida aos caprichos de ensaiadores que aproveitavam sua popularidade para fazer passar ante o publico argumentos fracos.

O que são nossas esposas

Film da *First National*, tendo como principaes interpretes: — BETTY BLYTHE, WILLIAM P. CARLTON e FRED JONES.

* * *

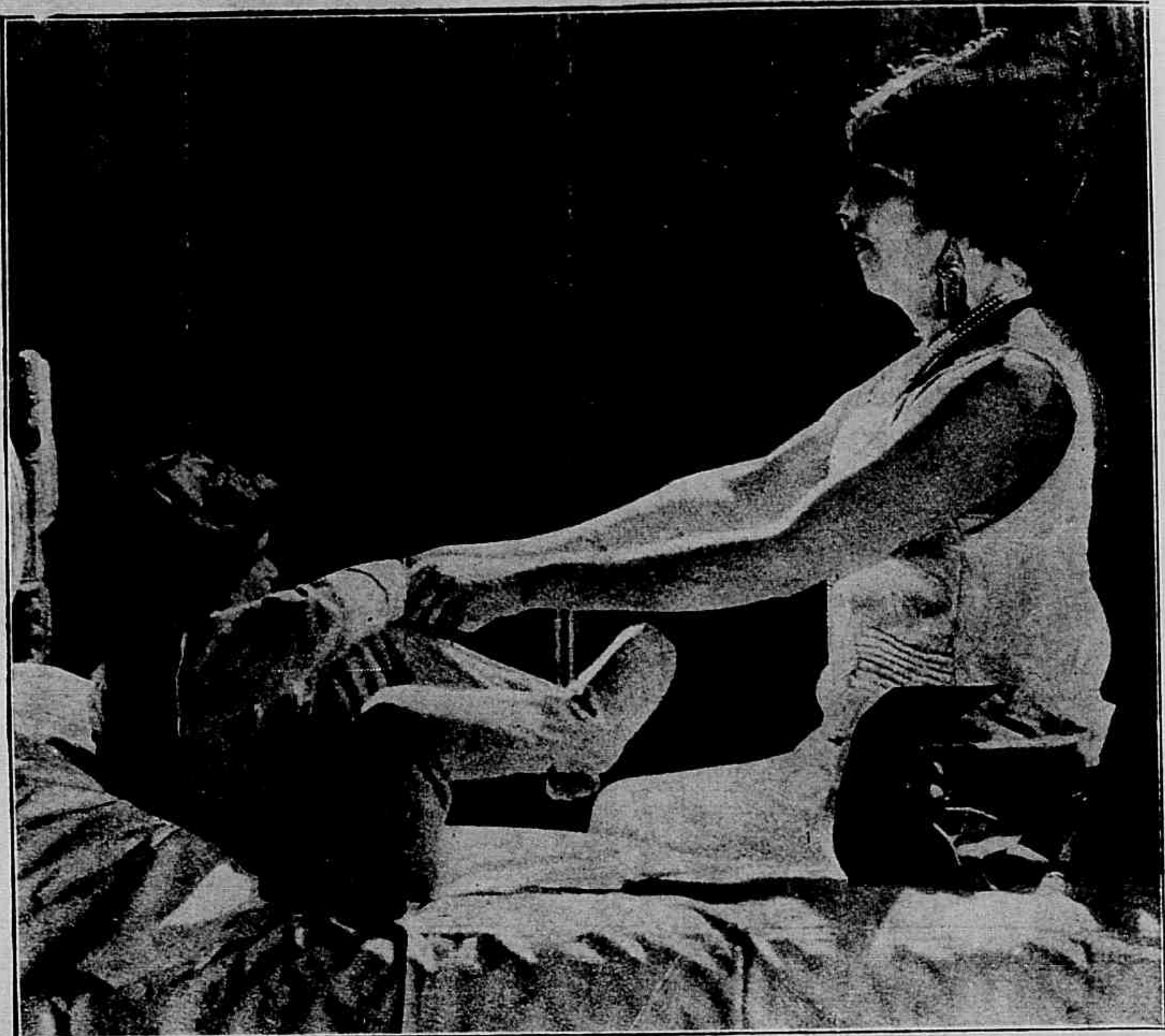
HOWARD HENDRICKS julgava que seu dinheiro lhe dava todos os direitos, todos os poderes, inclusive o de ser amado por HELENA FRAZER, cujo avô elle ajudára a desgraçar financeiramente.

Ora, HELENA era noiva de HAROLD LAWTON, um rapaz que parecia dedicar-lhe muito amor, mas de facto, não era mais do que um aproveitador da situação em que a conhecera.

Quando HOWARD HENDRICKS se dirigiu á Sra. FRAZER, pedindo a mão de HELENA viu-se repellido d'aquella casa e retirou-se cerrando os punhos e jurando que a moça lhe havia de pertencer fosse como fosse.

E quem sabe mesmo se HELENA não seria mais feliz com elle, do que com HAROLD? Este, alem do marido, tinha uma amante chamada BETTY e JOHN SMITH, seu melhor amigo e que não ignora essa ligação, ficou muito triste quando, naquella dia, HAROLD lhe foi participar seu proximo casamento e lhe pedir

Ao lado: Abandonada no lar, Helena só tinha o consolo da presença de seu filho.

Em baixo: Noites inteiras passou ella assim, procurando distrahir-se com alguns livros.

BETTY BLYTHE
The Queen of the Screen
in
"THE TRUTH ABOUT W

para ser seu padrinho. E' que JONH occultava no coração um doce segredo: — tambem amava HELENA. Sendo amigo de HAROLD e sabendo que elle tinha uma amante estava certo de que o rapaz ia fazer infeliz a pobre moça.

HAROLD é, na verdade, um pardego, que só cogita de gastar dinheiro e escolheu esse amigo para padrinho porque elle sempre lhe adianta as quantias necessarias para seus desordenados gastos. Naquelle dia, entretanto, como se trata de um caso sério, JOHN declarou que rão lhe emprestaria mais dinheiro, a não ser que elle rompesse de vez com BETTY e nunca mais jogasse em corridas de cavallos.

E, já que elle sósinho não se pode livrar da sereia, elle, como advogado que é, fará esse rompimento que seria difficil, pois que HAROLD havia já promettido a BETTY que se casaria com ella.

Um transeunte deteve-a e fitou-a attentamente.

Mediante uma indemnisação de dez mil dollars, JOHN obtem de BETTY a desistencia por escripto a esse projecto de enlace.

Realisou-se o casamento de HAROLD com

(Continúa na pag. 32)

O advogado apresentou-lhe o revolver encontrado em seu quarto.

John era o seu refugio, seu amparo, seu amor.

Para encorajal-a, Marcello accentuava a ingenuidade de seu sorriso.

Sim... era na pureza e na simplicidade é que se encontrava a felicidade

Isto é bom que dóe

Film da Metro-Standard, tendo como principal interprete HALE HAMILTON

* * *

MARCELLO STARR, negociante provinciano, parecendo ser um ingenuo, possúe entretanto bastante experiencia da vida para acreditar que nem todas as creaturas, que militam no crime, são caracteres visceralmente criminosos. Conhecendo a humanidade profundamente, elle é um individuo condescendente, sempre prompto a offerecer opportunidade para a revelação de sentimentos bons, porventura calcados no intimo dos homens, por força do meio pervertido em que vivem.

Solteiro e possuidor de fortuna regular pareceu presa facil a um bando de gatunos, que, julgando-o um inexperiente e premeditando apoderar-se dos seus haveres por meio de uma *chantage*, pretendeu fazel-o apaixonar-se por uma rapariga tambem pertencente á quadrilha, afim, de, por esse meio, poder *depennal-o* mais seguramente.

Percebendo, porem, desde logo as intenções dos meliantes MARCELLO planeja por sua vez divertir-se á custa d'elles; deixar-se passar por um simplorio.

E toma essa resolução principalmente por que sympathisando realmente com a moça, que os larapios lhe apresentam e descobrindo nella qualidades moraes que talvez apenas precisem de uma opportunidade para se revelar, decidiu tentar salvar essa creatura do meio em que por forçadas circumstancias está collocada.

A moça tambem julga-se bastante experta para levar a bom termo seu trabalho de seducção de que foi encarregada e que tem por fim apoderar-se do dinheiro do jovem negociante.

O que ella ainda não comprehendia é que em seu intimo, os bons sentimentos ainda para ella propria desconhecidos, acordariam afinal de seu lethargo e travariam luta com a maldade, vencendo-a.

De facto, tal era a bondade e a innocencia apparente de MARCELLO o philosopho, que a moça não tarda a se convencer de que não tinha o coração bastante endurecido para executar até o fim o plano traçado pelos gatunos, apoderar-se dos bens d'essa cre-

Cada qual está convencido que vai enganar o outro.

A enviada dos larapios procurava tomar ares de quem está habituada a esse meio ignobil

atura tão bôa e tão sincera, que lhe fizéra entrevêr uma vida muito mais calma e doce na honestidade mais agradavel do que todos os proveitos adquiridos no crime e na trahição.

Arrependida, envergonhada da má acção que ia praticar não ousa tocar nos haveresd aquelle que lhe consquistou o coração e foge para esquecel-o, levando comsigo a vergonha da sua iniquidade.

Até as velhas solteironas se deixam enlevar pela jovialidade de Marcello

MARCELLO STARR, como philosopho, que é, tem a satisfação de vêr confirmadas suas theorias sobre a humanidade e, como apaixonado, vê que não perdeu seu tempo, pois conquistou uma linda moça de caracter realmente bom, capaz de resistir a prova tão cabal.

Voltando a encontral-a, confunde seus ex-cumplices e deixa provado que neste mundo não nos devemos illudir com as apparencias, pois o que parecia tolo era na verdade um homem experiente e a moça que passava por esperta, tinha uma alma de creança.

Arrastados pela fatalidade os dous rapazes travaram luta alli mesmo.

Pax Domine

Novella de EDMOND ROSTAND
(L'Homme que j'ai tué).

Cinematographada pela *Pathé Consortium* tendo como protagonista: Mlle. BLANCHE MONTEL.

* * *

Na poetica residencia da familia BRENNER reinava a alegria e a paz do Senhor.

A viuva BRENNER, já muito velhinha, vivia cercada pelo carinho de seus dois filhos: VILHELL, natureza forte e expansiva e CARLOTA, creaturinha toda encanto e belleza.

Esses trez entes estimavam-se reciprocamente e a vida parecia para elles um manancial de prazeres.

Mas eis que, um dia, o roseo véu da ventura foi alli substituido pelo manto negro da fatalidade.

JOÃO, celebre esculptor, trabalhava com ardor alli perto, no grande atrio da bella e gigantesca cathedral. O amor que elle dedicava á imagem que esculpia, era a prova de quanto se apaixonára por sua arte. Por vezes, tocado pelo profundo recolhimento d'aquella nave, d'aquellas filas de columnas artisticas, elle se entregava aos devaneios e á lembrança da fatal mulher que despedaçára sua existencia.

Por desgraça, WILHELL BRENNER tambem amava essa fatidica mulher, que se comprazia em espalhar a destruição e o crime.

CARLOTA não desconfiava d'esse amor e entregava-se ás doçuras de seu noivado; em breve seria a mulher de PASCHOAL, um bondoso campeiro.

Certa noite, pé ante pé, BRENNER sahiu de casa para ir visitar a mulher que amava. Fascinado por sua belleza e sua fatal seducção elle accede a seu criminoso desejo e resolve matar JOÃO que conforme ella lh'o dissera tinha-a maltratado cruelmente.

Mas aconteceu o contrario do que a pérfida sonhára.

Na lucta tremenda entre JOÃO e BRENNER foi este o morto.

Como louco, JOÃO ao verificar que se tornára um assassino, não tinha socego. As torturas moraes perseguiam-o incessantemente.

Mas nunca se descobriu o autor da morte do JOÃO e somente o padre a quem este se confessára, ficou depositario d'esse terrivel segredo.

Em casa da viuva BRENNER vivia agora o espectro da tristeza e da desolação.

Um dia, por uma cruel ironia do destino encontraram-se ante o tumulo de BRENNER, a viuva e o esculptor. E julgando tratar-se de um amigo do filho querido, a bôa senhora levou-o para sua casa, tornando-se JOÃO desde esse dia seu amigo dedicado.

E ainda mais, CARLOTA encontrou em JOÃO o ideal de seus sonhos de moça e, pouco a pouco, um amor se foi infiltrando em seu coração.

Porem ella não tinha coragem para confessar a PASCHOAL seu estado d'alma e por isso limitava-se a ir adiando o casamento a pretexto do luto de sua familia.

Eram assim trez entes a lutar contra sentimentos diversos: JOÃO com o remorso, PASCHOAL com o ciume e CARLOTA com o amor.

Carlota e seu irmão eram unidos pelo mais profundo affecto

Chegou a noite de Paschoa.

Em casa da familia de PASCHOAL festejavam-a alegremente. Riam e dançavam e somente o rapaz absorvido em tristes pensamentos, não tomava parte na festa.

E parece que seu coração adivinhava, pois que naquelle momento, JOÃO e CARLOTA dando afinal expansão aos seus sentimentos, trocavam um beijo de amor.

De subito, não podendo mais estar naquelle meio, que era um

(Continúa da pagina 32)

Carlota conheceu o esculptor na cathedral onde elle trabalhava

A mulher das quatro faces

Novella de BAYARD VEILLER

Cinematographada pela *Paramount* com a seguinte

DISTRIBUIÇÃO

Izabel — BETTY COMPSON
Ricardo Templer — RICHARD DIX
O juiz Westcott — *George Fawcett*
Bill Blanch, um ladrão — *Theodore Von Eltz*
Martinho, um contrabandista — *Joseph Kilgour*
Morton — *James Farley*
Warden Cassidy — *Guy Oliver*
Ralph Dobson — *Charles A. Stevenson*

***

IZABEL WEST, moça, formosa intelligente e elegantissima mas orphã e sem conselhos, embora não precisasse de commetter crimes, tinha um prazer extraordinario em affrontar as leis e as autoridades.

Sua imaginação estava constantemente architectando novas e mais ousadas proezas.

Naquella noite, ao bater 24 horas, sahiu pela janella do seu quarto, percorreu, zombando de todo o perigo a platibanda exterior do hotel e penetrou, mascarada e de revolver em punho no quarto de sua visinha, que era uma riquissima prima-dona do theatro lyrico.

Ahi, sem mais demora, apoderou-se de todas as joias da

Miss Betty Compson no papel de Izabel West.

diva e quando viu que ia ser cercada, lançou-as por uma janella a seu cumplice, que as aguardava na rua para fingir que fôra por sua vez, roubada.

Mas a policia que já lhe conhecia a audacia e as artimanhas deitou-lhe a mão.

IZABEL teve que responder a um processo mas tão habilmente apresentou sua defesa que sahiu absolvida com grande indignação do juiz.

Mas, proferida a sentença de absolvição, o juiz chamou IZABEL a seu gabinete e longamente, paternalmente, aconselhou-a a mudar de vida, para que um dia não viesse a acabar seus dias numa prisão.

Entregou-lhe, a seguir, uma carta em que o antigo arrombador de cofres, BILL BLANK lhe agradecia o que tinha feito por elle.

IZABEL sentiu-se tão commovida pelas palavras do bom juiz que resolveu sinceramente abandonar aquella existencia de perigosas aventuras.

Ora a esse tempo agitava-se na policia uma campanha benemerita: a da perseguição aos negociantes de morphyna e outros toxicos, que são uma das maiores desgraças da humanidade.

O mais apaixonado na perseguição a esses negociantes criminosos era o delegado RICARDO TEMPLER, que vivia desesperado por não obter do governo meios mais energicos e sua irritação contra a indifferença do governo chegou a tal ponto que elle se demittiu do alto cargo que exercia e fazer a perseguição por sua propria conta.

O essencial nessa campanha era aprehender o negociante

A'quelle impulso brutal, Izabel cahiu: mas, immediatamente, empunhou o revolver.

mem: BILL BLANCK.

Era preciso pois arrancal-o da prisão, em que elle se achava. E isso ardilosamente se conseguiu por meio de um aeroplano que o foi buscar ao pateo de recreio da penitenciaria.

BILL BLANCK, porem, ao vêr-se deante do delegado TEMPLER, que fôra o homem que o prendera encheu-se de uma colera feroz, acreditando que TEMPLER apenas queria trahil-o para o collocar em situação ainda peior.

D'esse modo, IZABEL e TEMPLER foram obrigados a dispensar seu concurso e agir por conta propria.

Felizmente IZABEL era sufficientemente ousada para isso.

MARTINHO OSGOOD, chefe da quadrilha de importadores d'essas drogas maleficas um contracto que elle tinha cuidadosamente escondido em seu cofre.

Para conseguir esse desejado fim, RICARDO TEMPLER, conhecedor do espirito audacioso de IZABEL WEST, convidou-a para auxilial-o na benemerita campanha.

Para a convencer, começou por eval-a a um hospital de opiomaniacos, para que ella visse o desgraçado quadro que apresentavam aquelles infelizes.

IZABEL, horrorisada, com aquelle espectaculo, concordou em ajudar RICARDO.

Tratava-se de penetrar na residencia de OSGOOD e arrombar seu cofre.

Para essa empreza, IZABEL só conhecia um ho-

Agora havia entre elles mais do que uma alliança contra o crime: havia amor.

Bill seguira Izabel e, cheio de odio, aprisionou-a juntamente com Ricardo.

Penetrou com Ricardo Templer em casa de Martinho Osgood e obrigou-o a entregar o famoso contracto, que elle, desconfiado, tinha tirado do cofre e escondido no fundo de um vaso.

Tinham já quasi concluida sua missão, quando Bill, que seguira Izabel na ancia de se vingar de Ricardo entrou, de revolver em punho, em casa de Martinho.

Surprehendidos por similhante visita elles não tiveram tempo para dar pela presença dos apaniguados de Martinho que, entrando inesperadamente, prenderam Izabel, Ricardo e o proprio Bill.

Izabel foi submettida então ás maiores torturas para dizer onde tinha escondido o contracto.

Como não mais pudesse supportar

(Continúa na pag. 31)

Ao lado: De revolver em punho o ex-delegado obrigou o contrabandista a entregar o compromettedor contracto.

OS QUE VIVEM NO ECRAN

MISS ETHEL SHANNON, da "Prefered Pictures"

Betty Compson

COMO A CONHEÇO

NUNCA me approximo de um studio. Por isso não assisto ao trabalho de minha filha senão no écran. Nem tão pouco discuto jamais com ella os termos de um novo contracto, que vai assignar. E BETTY conseguiu exito na vida tendo nós deixado que ella, desde a mais tenra edade, seja a unica responsavel por seu destino neste mundo.

Desde creança meu marido e eu fizemos com que BETTY conhecesse, comprehendesse o valor de "sim" e "não", neste mundo. Nós lhe diziamos: «Papai e mamãi esperam que você não nos envergonhará» e lhe deixavamos o resto; nunca a assediamos com regras e leis rigidas. Geralmente as creanças, que ouvem muitas recommendações, logo desejam quebral-as.

BETTY fez sua carreira por si só, comtudo eu creio que minha opinião tem mais valor e peso para ella do que a de qualquer outra pessôa. Mas respeita minha opinião exactamente porque sabe que eu não a imponho, sabe que não é obrigada a seguir o que lhe digo e muitas vezes se aproveita d'essa prerogativa. Porem a maior parte das vezes me ouve porque BETTY e eu temos soffrido muito juntas e ella me considera mais como amiga do que como mãi.

Nunca vou ao studio por que penso que a presença da mãi de uma artista só lhe pode ser prejudicial.

Passamos pelo maior transe de nossa vida quando BETTY estava no terceiro anno de seu curso gymnasial. Meu marido morreu apoz longa molestia que o atacou em Silver Horn, uma mina do Utah, onde era superintendente e onde BETTY passou a infancia.

Não tinhamos grandes recursos. Tomei uma resolução de que nunca me arrependo. Podiamonos manter, porem raciocinei que mais cedo ou mais tarde BETTY teria de trabalhar, de forma que era preciso ir-se familiarisando com o trabalho e consegui que ella tocasse violino á noite, no Theatro Mission, de Salt Lake, frequentando o gymnasio pela manhã. Minha ambição era a de que mais tarde ella se tornasse grande violinista. Nunca imaginei que ella viesse a ser uma artista da tela se bem que, nos ultimos annos lhe tivesse descoberto uma tendencia para o theatro.

A idéia de trabalhar não agradou muito a BETTY, porque justamente naquella occasião, tinha feito bôas relações no gymnasio e tambem porque... onde ha moças e moços, não pode deixar de haver namoro e BETTY não era excepção. BETTY teve seus namorados, porem nenhum foi cousa seria. Sobre quasi todos BETTY pedia a minha opinião. Houve um rapaz que me pareceu digno. Mostrei-me favoravel. Porem BETTY não gostou d'elle. Mais tarde soubemos que esse rapaz esbanjou toda a sua fortuna como um estroina; e até hoje ella pilheria commigo, dizendo que eu a tinha encaminhado para uma decepção.

Mas, como dizia BETTY não desejava perder o convivio de suas amigas do gymnasio e, a custo, foi se acostumando ao trabalho, que mais tarde lhe abriria o caminho da disciplina.

Eu não a acompanhava nem para ir nem para voltar do theatro. Estou para mim que uma moça não precisa de pessôa alguma para acompanhal-a quando suas intenções são puras e sua educação esmerada. E em breve BETTY me deixava por dois annos. Uma das actrizes do Theatro Mission adoeceu e morreu. BETTY a substituiu, assignando um contracto com o emprezario.

Muita gente julgou que era um acto de loucura, permittir que uma moça de quinze annos andasse sósinha, em tournée. Porem eu conhecia BETTY; sabia que ella era corajosa e nada temia. Ficando em casa eu podia economisar algum dinheiro e trabalhando, BETTY podia augmentar nosso peculio.

Eu mantinha uma casa de pensão e recebia as cartas de BETTY de todos os pontos do paiz, onde ella apparecia. Mas eis que, um bello dia a compa-

(Continúa na pag. 30)

OS NAMORADOS NO CINEMATOGRAPHO — **WALTER HYERS** e **JACQUELINE LOOGAN**, da "Paramount".

O moço corredor

Film da *Universal* com a seguinte

DISTRIBUIÇÃO

O Moço Corredor — Hoot Gibson
Carolina June — Laura La Plante
Lafe Dorsey — *William Welsh*
John Hecker — *Charles K. French*
Skinny Rasulins — Harold Goodwin
Blackie — G. Raymond Nye
Mrs. Ophelia Lobb — Carol Holloway
Tom Poole, o sheriff — W. T. Mac Culley
Parker — *Gaober Gleen*
Sing Pete — *George King*

***

Não havia por aquelles sitios campino mais arrojado, melhor montador.

Tinham-o appellidado de O Moço Corredor, porque elle andava sempre por montes e valles, atraz do gado ou, simplesmente, para se distrahir, mas sempre em correria louca.

Ora, dentro em pouco, deviam se realisar as famosas corridas de Eagle Buttle, que, naquelle ultimos annos fô a ganha sempre pelo *Relampago*, um admiravel animal, pertencente a Lafe Dorsay. Manteria elle esse anno a victoria, ou passaria esta gloria ao *Melado*, um potro selvagem, que o patrão de Moço Corredor, John Hecke, proprietario da Fazenda Crescente, pretendia apresentar nesse sensacional certamen ?

Eis o assumpto que todos os *cowboys* e apreciadores de cavallos da região discutiam dia e noite, apaixonadamente.

E eis que, exactamente nessa occasião chegam á terra a galante Carolina June e sua amiga, Mrs. Lobb.

Vendo o Moço Corredor em seu cavallo, a galgar uma ingreme escarpa, June toma-se de enthusiasmo por elle e nelle só pensa, naquella noite em que o rapaz, debaixo de enorme aguaceiro, procura o selvagem *Melado* para reconduzil-o á fazenda, de onde mais uma vez fugira, indomavel e impetuoso como sempre.

June, porem é caprichosa, soberba e não deseja demonstrar a admiração que tem pelo campino.

Por isso mesmo, talvez revoltada contra seus proprios

Miss Laura La Plante no papel de *Carolina June*.

Felizmente June perdia seu tempo fazendo ironias por que elle não as percebia.

E foi afinal a orgulhosa quem lhe offereceu opportunidade para uma declaração.

Revoltada contra seus proprios sentimentos June tentava mostrar-se soberba e intratavel.

sentimentos não perde uma occasião para maltratal-o, chamando-o de grosseiro, estupido, bruto, etc.

Mas poucos dias depois teve que se render e fallar-lhe com carinho, o que se dá quando elle a salva da morte, retirando-a de um atoleiro, em que cahira com o cavallo que montava.

Chega por fim o tão esperado dia das corridas.

O Sr. Hecke, proprietario dos campos onde o moço trabalha aposta com o dono de *Relampago* quanto possue, sua fazenda inclusive, como a victoria será de *Melado*.

Outro tanto faz Lafe Dorsay.

Porem minutos antes de ter inicio o pareo, procuram o Moço Corredor e acham-no em miseravel estado.

Tinha elle cahido em uma armadilha, bebendo uma caneca de café, a qual Skinny, o taverneiro, misturára uma droga qualquer.

Ainda assim, o Moço Corredor monta *Melado* corre e ganha, depois de um esforço herculeo. Nunca, na terra, houvera pareo mais sensacional.

June porem, ignorando o que

Ao lado : — A intimidade entre os dois ia crescendo dia a dia

se passára censura acremente o Moço Corredor por se ter embriagado e essa injustiça o deixa muito triste.

No dia seguinte elle vai censurar o taverneiro pelo que fez : alterca com elle os dous acabam por se empenhar em luta corporal.

O adversario, a um socco mais violento do rapaz, cahe e vai bater com o craneo num varão de ferro, ficando desacordado.

Acreditando morto o Moço Corredor, allucinado com a ideia de que se tornou um homicida, embora involuntariamente, foge.

Porem, Skinny se restabelece e é obrigado pela policia a deixar a cidade. O Moço Corredor volta e June, um dia, não podendo mais occultar sua paixão anima-o a confessar-lhe que a ama, como tambem ella o ama !

A "*Distinctive Corporation*" tem em preparo os seguintes films :

A segunda mocidade — Com os artistas : Jobyna Howland, Mimi Palmieri, Walter Collett, Lynn Fontain e Faire Binney.

Pai adoptivo, com Edith Robert, Ronald Colman e Taylor Holmes.

Sangue e Ouro, com Alma Rubens, Conrad Nagel e Wyndham Standing.

Contra os conselhos de quantos a conhecem, Lillian Gish resolveu filmar a novella de Mark Twain "Jeanne d'Arc", escolhendo para si o papel da celebre donzella de Orleans, que antes havia sido desempenhado por Gerardine Farrar.

Lillian sustenta que leu em um livro que "Jeanne" não era uma jovem de aspecto forte e guerreiro, mas sim uma menina fragil e timida e, assim, acredita que o papel lhe convenha.

OS TYPOS DE BELLEZA NA SCENA MUDA — **POLA NEGRI**, da "Paramount".

Extravagancia

Conto de Ben Ames Williams

Cinematographado pela *Metro Pictures Corporation*, com a seguinte

DISTRIBUIÇÃO

Nancy Brown — May Allison
Richard Vane — *Robert Edeson*
Dick Vane — *Theodor von Eltz*
«Papai» Brown — *William Courturight*
Tio Mark — *Lawrence Grant*
«Mamãi» Brown — *Grace Pike*

* * *

Aquella revelação lançou á leviana esposa no mais completo desalento.

Dick Vane, jovem advogado a quem a sorte não concedera grandes riquezas, casára-se com a linda Nancy Brown, filha de um velho amigo de seu pai.

Tão absorto está elle na sua propria felicidade, tão enlevado pelos encantos multiplos de sua esposa, que não se apercebe de duas grandes verdades: sua falta de recursos financeiros e o temperamento extravagante e perdulario da vaidosa e futil Nancy.

Logo apoz a pomposa ceremonia do casamento religioso, Nancy tem a grande satisfação de receber um convite da Sra. Van Ruyper para um jantar em sua luxuosa casa.

Esse convite offerecer-lhe-ha um feliz ensejo para sua entrada na alta sociedade new-yorkina.

Dick bem sabe que seus parcos haveres não lhe permittem manter, como será preciso uma

— Mas este cheque foi falsificado — disse o velho Vane.

vida social. Comtudo, Nancy obtem seu consentimento para comprar uma capa, cujo preço não excedesse a oitenta dollars, afim de comparecer ao jantar no palacete dos Ruypers.

Ora, ao envez de procurar adquirir essa peça de vestuario em um *atelier* modesto, Nancy se dirige a uma das mais opulentas casas de modas da cidade.

A vendedora expõe a seus olhos maravilhados um sem numero de capas, cada qual mais linda e de preço mais elevado.

Nancy hesita. As que mais lhe agradam são por coincidencias, justamente as mais caras.

Nessa occasião apparece alli a Sra. Van Ruyper e insiste para que Nancy compre uma capa das mais custosas.

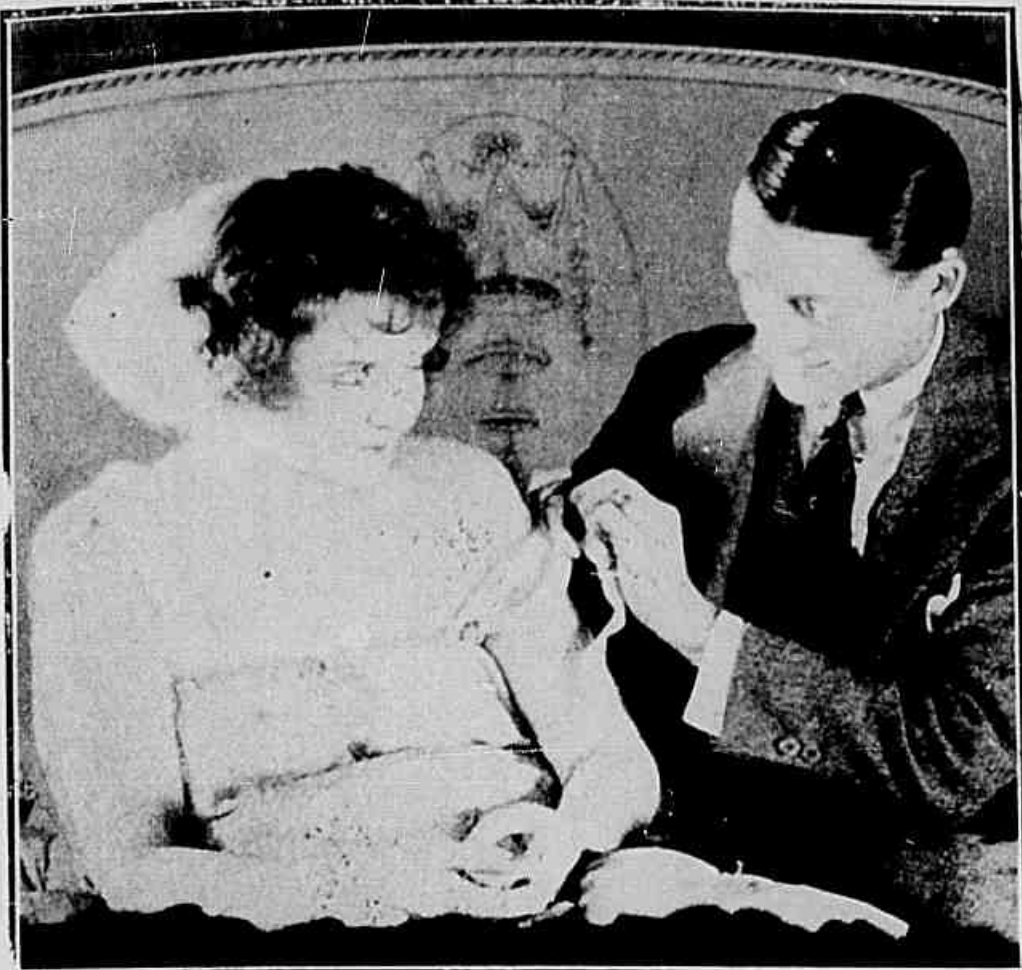
O preço excede de muito os oitenta dollars, que Dick lhe havia concedido para essa compra; não obstante, incapaz de contrariar a esposa, a quem adora, elle consente em sua acquisição.

Dias depois, a Sra. Van Ruyper aconselha á louca Nancy a compra de um palacete proximo ao seu.

D'essa forma terão mais convivencia e Nancy mais ensejos de frequentar a alta Sociedade.

Novamente Dick cede aos caprichos da esposa.

O palacete em questão pertence a Mark, um abastado tio de Dick. O primeiro pagamento eleva-se a cinco mil dollars. Dick não possue tão elevada quantia. Comtudo, espera obtel-a de seu pai, como emprestimo.

Nancy faz já os preparativos para sua nova installação no sumptuoso palacete. Pouco lhe

— Já que o queres, meu amor, hade se fazer.

— Não ... não ! Sujeito me a tudo menos perder-te.

importa saber de onde virão os cinco mil dollars. Seu marido ha de conseguil-os de qualquer forma. Outros caprichos seus tem elle satisfeito.

. . . .

DICK vai ao escriptorio de seu pai, velho e modesto banqueiro, para negociar um emprestimo, porem é informado de que o velho se ausentára da cidade por alguns dias.

Conforme o contracto, exgota-se no dia seguinte o prazo para o pagamento inicial do predio.

N'esse dia DICK leva a MARK um cheque assignado por seu pai e o palacete lhe é entregue.

NANCY exulta ao receber a grata noticia. E tão intenso é o seu contentamento que ella não percebe o ar de tristeza que, como uma sombra, envolve o semblante do seu marido.

A mudança se effectua no mesmo dia. NANCY prepara desde logo os salões para uma grande recepção inaugural.

Mas na vespera da festividade, em sua nova residencia, NANCY attende a um chamado telephonico. E' o secretario do pai de DICK que deseja conferenciar com elle sobre um cheque falso de cinco mil dollars attribuido ao velho Sr. VANE.

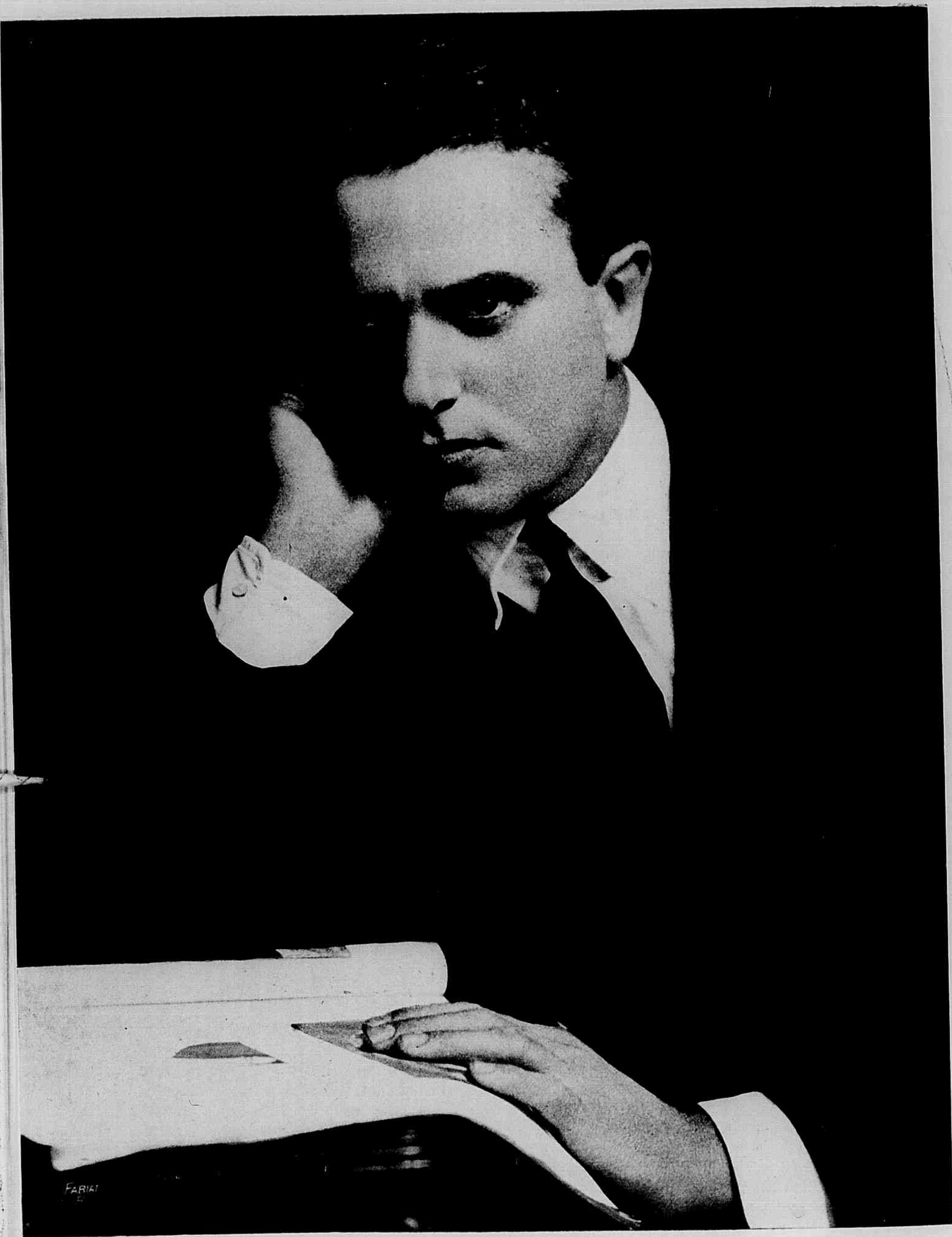
No mesmo instante entra DICK e NANCY o interroga.

Seus labios tentam mentir, porem, ella lê a confissão em seus olhos, onde duas lagrymas transbordam.

Depois de uma terrivel crise de nervos NANCY convence o infeliz de que elle deve fugir promettendo-lhe que procurará MARK e pedir-lhe-ha a restituição do dinheiro.

(Continúa na pag. 34)

— Dick, meu querido, fui eu a culpada.

— Elle era tudo para Nancy, inclusive sua criada de quarto.

OS PREDILECTOS DO PUBLICO — O **ACTOR HERBERT RAWLINSON**,, da "Universal".

A lei dos livres

Conto de E. LLOYD SHELDON

Cinematographado pela *Paramount* com a seguinte

DISTRIBUIÇÃO

Sahande, uma jovem tartara — DOROTHY DALTON
Yancu — THEODORE KOSLOFF
Costa, um chefe cigano — CHARLES DE ROCHE
Ali Mechmet — TULLY MARSHALL
Osmar, pai de Sahande — *Fred Huntlay*
Fancetza, uma cigana — MARGARET LOOMIS

⁂

Nas margens do rio Danubio, na Rumania, perto do Mar Negro, existem certos agrupamentos de povos livres, entre os quaes as leis antigas são ainda as que predominam.

Entre um d'esses nucleos de população vivia SAHANDE, uma rapariga orgulhosa, fremente, apaixonada e turbulenta.

Com altiva galhardia o chefe cigano enfrentou o trahidor.

O pai de SAHANDE o velho OSMAR, tinha sido um homem riquissimo, mas a peste destruira seus rebanhos e elle vivia preso a onerosos compromissos, que tomára para com o avarento ALI MECHMET, que fingia ser seu amigo e lhe emprestára dinheiro a juros leoninos.

Fiado nesta força com que premia OSMAR, ALI MECHMET offereceu-se para lhe perdoar a vultuosa divida se elle lhe desse SAHANDE em casamento.

Claro está que a repugnante proposta recebeu uma recusa formal e isso exasperou grandemente ALI MECHMET, sobretudo por que SAHANDE, quando soube que elle se atrevera a tanto quasi o aggrediu.

O coração de SAHANDE vivia apaixonado por YANCU, o poeta que vinha cantar, em noites de luar debaixo da sua janella, doces canções de amor.

ALI MECHMET, porem despeitado com a recusa e tomado de paixão por SAHANDE jurou vingança e chamou OSMAR á mesquita accusando-o de lhe dever quantia superior a todos os seus haveres.

Provado que assim era, os homens da lei puzeram OSMAR em hasta publica, para que elle

Desesperada, Sahande tentou arrancar seu pai das mãos d'aquelles miseraveis.

pagasse, com o trabalho servil o que devia.

Quando o pregão humilhante se realisava na praça publica, SAHANDE e YANCU chegavam á porta da mesquita.

Da pobre rapariga apoderou-se o maior dos tormentos ao ver seu pai em similhante degradação.

E, num assomo de desespero ella subiu ao tablado e offereceu-se em casamento a quem a quizesse pelo preço da divida do pai a ALI MECHMET.

YANCU offereceu, afflicto, quanto possuia, mas era pouco para divida tão avultada.

ALI MECHMET propoz a liquidação da divida, se elle fosse o noivo escolhido, mas os homens da lei não acceitaram essa solução.

Nesse momento chegou ao logar, montando um bello cavallo, um homem extranho, filho de outra raça e outra terra, mas que, gostando de SAHANDE, lançou seu preço.

ALI MECHMET, assustado, vendo fugir-lhe a presa, lançou mais. E foi uma luta renhida, até que MECHMET, avarento como era, resolveu ceder.

SAHANDE, entre lagrymas, despediu-se dos seus e acompanhou o desconhecido, que disse chamar-se COSTA e ser chefe de um bando de ciganos.

Só uma esperança vivia no coração triste de SAHANDE: o juramento de YANCU, de que a iria raptar no dia seguinte no acampamento dos ciganos.

Entretanto, COSTA cercou-a de homenagens e o povo que elle chefiava recebeu SAHANDE com homenagens excepcionaes e grandes provas de carinho.

Era a futura mulher de seu chefe.

O casamento realisou-se segundo o ritual dos ciganos e dez dias deu COSTA, generosamente a SAHANDE para se conformar com sua situação e se resolver a ser, de facto sua esposa.

O avarento tentou seduzir a bella Sahande com suas mais soberbas joias.

SAHANDE esperou que nesse prazo YANCU cumpriria sua promessa.

E realmente elle tentou cumpril-a, mas com tanta cobardia que o coração honesto de SAHANDE se sentiu revoltar.

Aproveitando a ausencia dos ciganos, que tinham ido á feira proxima, YANCU assaltou o acampamento e aprisionou COSTA trahiçoeiramente mettendo-o na torre do Minareto.

SAHANDE jurou salvar o chefe cigano, cujas bôas maneiras, dedicação, carinho e valentia ti-

Como se não lhe désse attenção Costa, descalçou as botas e preparou-se para dormir.

Miss Dorothy Dalton no papel de «Sahande».

nham feito nascer em seu coração um verdadeiro amor.

Com a ajuda dos ciganos, que mandou chamar ella entrou na cidadella dos Tartaros e tomou de assalto a torre do Minareto.

ALI MECHMET, sempre rancoroso e máu, lançou fogo á torre, com a intenção de sepultar COSTA e SAHANDE nas chammas.

Elles, porem, salvaram-se, perecendo alli sómente YANCU, para castigo de sua cobardia. Quanto a ALI MECHMET, tambem foi castigado pois decoberta sua infamia elle foi despojado de todos os seus bens.

E. LLOYD SHELDON.

AFFIRMA-SE que CHARLES DE ROCHE corteja assiduamente ESTELLE TAYLOR a protagonista de «A Perfida» e de «Bavú».

Quando ella sahia de sua tenda as creanças corriem a seu encontro.

CONTRADICÇÕES DA CARREIRA CINEMATOGRAPHICA: —Quando um «extra» pede trabalho em um studio tem que começar por encher um questionario sobre se sabe nadar, montar a cavallo, dar cambalhotas, jogar ping-pong, se conhece esgryma e luta romana se possue uma collecção completa de trajes adequados para as mais diversas situações.

Se responde affirmativamente é classificado entre os «extras» com um ordenado possivel de 5 dollars nos dias em que trabalhar.

O «astro» do film, ao contrario, tem que usar um «doble» para scenas de natação, equitação, cambalhotas, assaltos de box, lutas e outros exercicios violentos; e seus trages são fornecidos pela companhia.

No emtanto, alguns ha que ganham cerca de 120 dollars por minuto.

DOUGLAS FAIRBANKS FILHO vai estreiar na *Paramount* em um film de enredo escolhido especialmente para elle e no qual terá como companheiros de interpretação THEODORO ROBERTS e NOAH BEERY.

A linda tartara sentia-se bem no meio d'aquella gente simples que a tratava como uma rainha.

UMA VICTORIA DUPLA

Conto de DOROTHY YOSTO

Cinematographado pela *Fox Film Corporation*, com a seguinte

DISTRIBUIÇÃO

Jack Arnold — WILLIAM RUSSELL
Carolina Peyton — DOROTHY DEVORE
Neal Travis — *Lloyd Whitlock*
Clive Langdon — *Frank Beal*
O consul inglez. — *Allan Cavan*

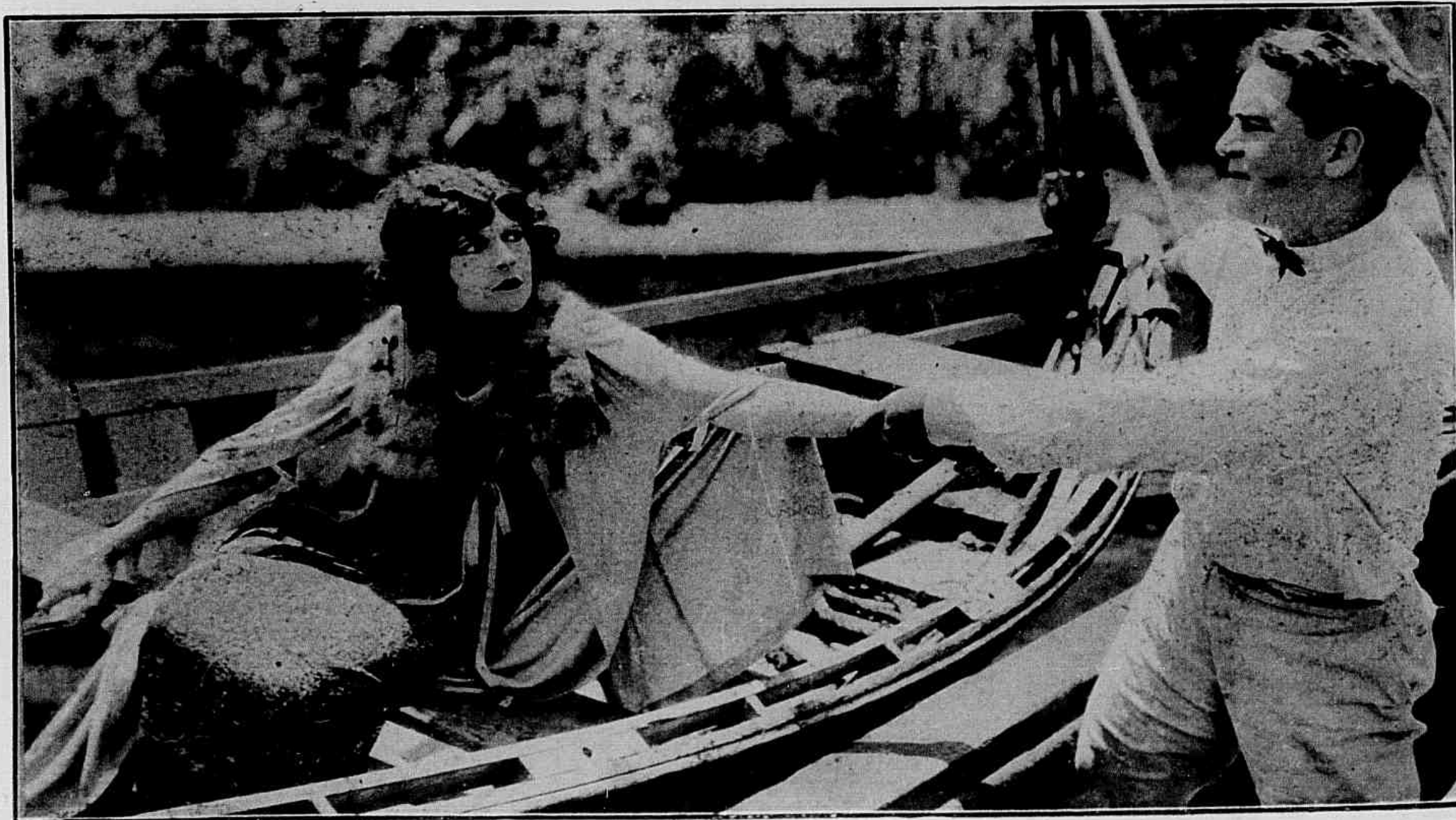
***

O telegrapho trouxéra de subito uma noticia devéras sensacional aos circulos financeiros de New York.

Na ilha de Pago Tai, nas proximidades da Australia, havia sido descoberta uma riquissima mina de opalas negras.

EUSTACHIO WHIPPLE, presidente de um syndicato de mineiros, não desconhece as vantagens, que lhe poderão advir da posse d'essa já tão cubiçada mina de opalas. Em uma reunião na «Companhia Internacional de Mineiros» elle expõe aos accionistas as conveniencias derivantes da possivel compra da mina de Pago Tai e seus associados o applaudem pela feliz iniciativa.

Um dos presentes informa, porém, que um poderoso syndicato

Langdon e seu infame auxiliar julgaram que resolveriam a situação raptando miss Carolina

Vendo-se descoberta, miss Carolina tentou ainda resistir... como se Arnoldo não fosse irresistivel

Essa era sua melhor victoria.

Eram todos os sequazes de Langdon contra elle, porem Arnold enfrentou-os.

já se formára na cidade com o fim unico de se apoderar da mina em questão.

Olive Langdon, o «rei do manganez», um israelita astuto, que em poucos annos, conseguira reunir uma das maiores fortunas de New-York, fôra nomeado presidente d'esse syndicato improvisado somente para a compra da mina.

Whipple, veterano das lides do commercio, sabe bem de que artimanhas Langdon costuma lançar mão quando tem um bom negocio em vista.

Comtudo, não se intimida, não se deixa dominar pelo desanimo ao verificar que tem de enfrentar um ardiloso e desleal adversario. Já uma vez, quando alguns especuladores preparavam um formidavel *trust* de assucar, Langdon conseguira illudil-os a todos, fazendo-se o açambarcador unico.

. . . .

Dias depois, apoz uma longa conferencia no escriptorio da «Companhia Internacional de Mineiros», Wipple e Jack Arnold — seu secretario — sahiram em direcção a um banco onde estão depositados os capitaes do syndicato. Mas apenas chegam á rua Arnold avista Langdon e sua secretaria particular miss Caroline Peyton — que em um automovel atulhado de malas passam em direcção ao caes.

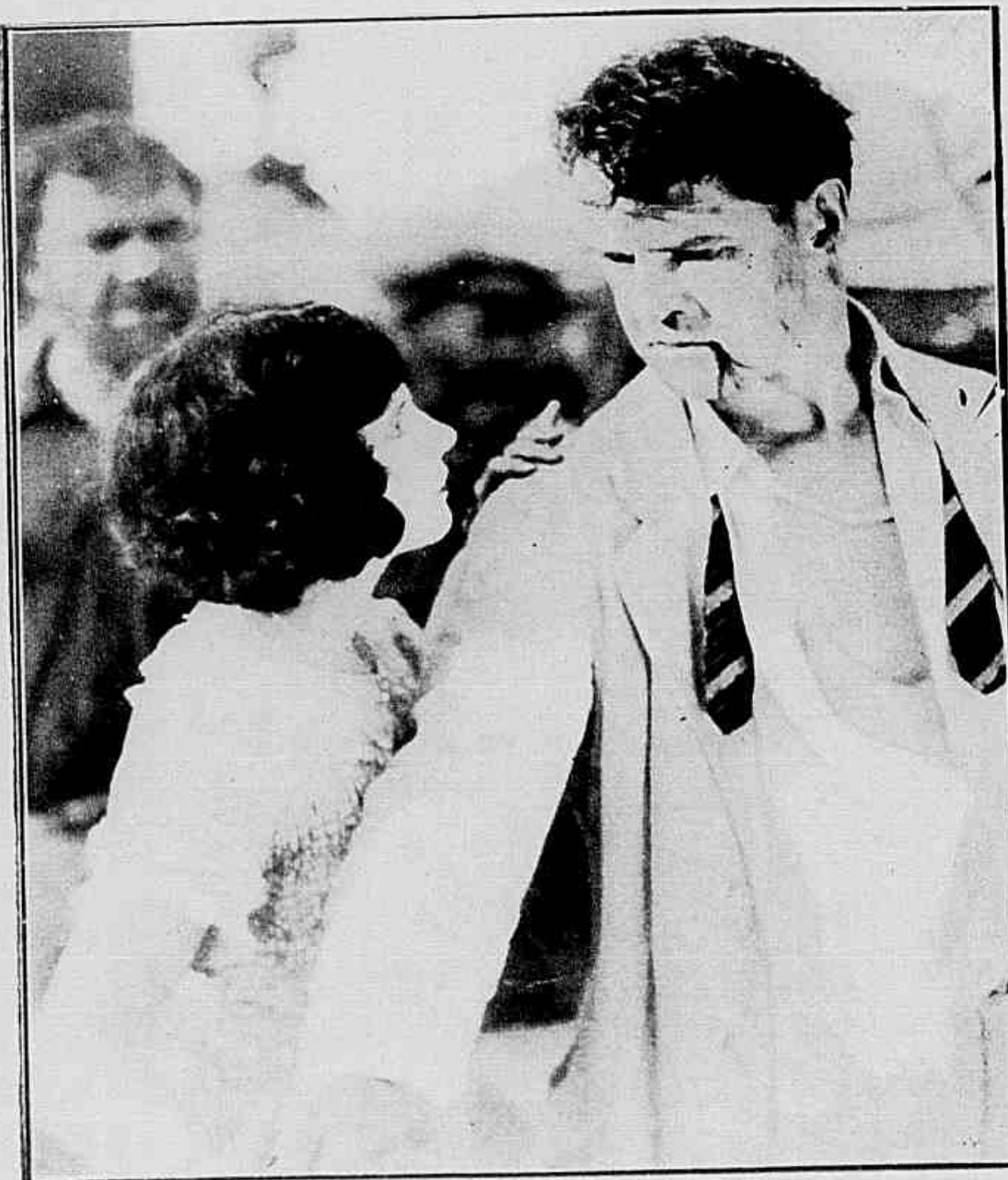
Certamente, vão embarcar para Pago Tai.

Resolvido a embarcar no mesmo navio, Arnold se despede rapidamente do Sr. Wipple e segue para o caes onde chega um momento antes de ser retirada a ponte de embarque.

Completamente desprevenido para a viagem — sem dinheiro e sem roupas — elle expõe ao commandante as circumstancias de seu improvisado embarque e telegrapha ao Sr. Whipple pedindo-lhe a quantia necessaria para a viagem.

Todavia, passam-se dois dias sem que Arnold receba a resposta de seu chefe. O commandante, habituado a ouvir historias similhantes — as mais das vezes mentirosas — concede-lhe apenas mais vinte e quatro horas de indulgencia. Se, ao findar esse prazo, Arnold não tiver ainda recebido o dinheiro correspondente ao preço de sua passagem, será mandado para a casa de machinas onde trabalhará co-

(Continúa na pag. 33)

Foi preciso que a propria miss Carolina interviesse em favor do miseravel

Mesmo assim, extenuado e ferido, Arnold estava prompto a proseguir na luta

O filho do corsario

Romance de Louis Feuillade

Cinematographado pela *Gaumont* com a seguinte

DISTRIBUIÇÃO

Ivo o Bretão, depois Jacques Lafont — *Aimé Simon-Girard*.
Magdalena, depois Josina Bertrand — *Sandra Milovanoff*.
Bonifacio, o Caôlho, depois o Sargento Pacolin — *Biscot*.
Mathias, depois Malestan — *Derigal*.
O Capitão, depois o Arlequim — *Hermann*.
Maria Lafont — *Lise Joux*.
O tio Binie, depois o Dr. Pardonnel — *Charpentier*.
Corrrentino — *Arnaud*.

O bravo Pacolin era dedicado e valente, mas muito desageitado.

(CONTINUAÇÃO)

E, fechada a porta por fóra, partiram os trez emquanto Pierre irrompia no salão, pela janella.

O louco está disposto talvez a matar aquelle homem, que vê alli cahido, no chão, suppondo-o Jacques, o seu inimigo. Mas deixou-o ao ver pela janella que o verdadeiro Jacques se retirava.

Naquella mesma tarde, tendo levado Adelia para a casa de Josina, ficou Jacques combinando com Pacolin que este a levaria para Nice, explicando ao marido que a demora fôra devida a ter ido Adelia parar em um hospital, victima de um ataque de amnesia.

E na manhã seguinte os dois ex-sargentos trataram de ver por todos os meios como poderiam impedir o embarque de Mayrol no aerobus da carreira.

Para isso, os dois combinaram com um antigo camarada do regimento, de modo que quando o automovel, guiado por Jacques, ia em caminho do aerodromo, pilhou um cyclista.

A policia interveiu. Mayrol com receio de perder o aerobus quiz fugir com o automovel e lutou com a policia, sendo preso por desacato á autoridade.

E o aeroplano de carreira para Londres partiu sem o emissario de Malestan.

CAPITULO VIII — O MERCADOR DE VENENO

Os dois golpes que recebera, isto é, a prisão de Mayrol, que não pudera ir á Inglaterra a entrar com o dinheiro para a compra dos jornaes e, no mesmo dia o desapparecimento de sua amante, enfureceram Malestan, que começou a desconfiar do filho e por isso resolveu mandar espional-o, o que fez chamando o creado de Jacques, ordenando-lhe que visse e ouvisse tudo quanto lhe fosse possivel da existencia do rapaz.

Assim, sem que Jacques soubesse, o infiel creado collocou microphones atraz dos quadros de seu gabinete, de modo que ouviu tudo quanto o filho de Malestan e o Dr. Pardonnel conversaram julgando-se ao abrigo de ouvidos indiscretos.

O medico explicava ao filho de seu amigo que especie de commercio enriquecia seu pai; elle, comprava narcoticos na Allemanha e introduzia-os em França por meio de aeroplanos, que aterravam no parque de S. Sabino, fóra de Paris. E Jacques jura que ha de afastar o pai d'esse commercio infame porem, antes, irá verificar o que se passa no parque naquelle mesmo dia, depois das duas horas da tarde.

De facto, áquella hora, elle e Pacolin tomaram o automovel e se dirigiram para o parque, sem saber que Malestan, prevenido pelo criado, alli os precedera.

Os dois deixaram o automovel e atravessaram o vasto parque. Ouviram o ruido de um aeroplano, que pouco depois largava um pára-quedas com uma caixa. Um empregado da casa vem buscar a mercadoria e entra. Os dois rapazes resolvem entrar tambem, penetrando por duas janellas abertas, dando cada uma para um quarto.

Pacolin foi o primeiro a transpor sua janella, porem mal poz um pé no soalho recebeu um golpe na cabeça e cahiu «knock-out».

Por sua vez, no outro compartimento, Jacques era dominado por dois homens e mettido em um sacco; porem, mesmo assim, com uma cabeçada elle atirou um dos seus atacantes pela janella, emquanto ameaça o outro com o revolver que trouxera e que pode manejar mesmo com as mãos dentro do sacco.

E, atirando sobre um espelho, faz fugir o outro atacante, libertando-se.

Então Jacques viu abrir a porta e surgir... seu pai! Pacolin, por sua vez, entra pela janella, mas vai sahir, pois que pai e filho querem conversar.

Mas eis que a porta se abre mais uma vez e entram mais quatro individuos.

Um se diz commissario de policia e vem prender Pedro Malestan, accusado de fazer commercio prohibido de narcoticos. Jacques oppõe-se áquella prisão e para salvar seu pai declara-se elle o unico culpado.

Pacolin vendo que iam prender seu amigo, tambem se resolve ao sacrificio e por sua vez toma a si a culpa.

Então, com grande surpreza elles vêem que o tal commissario, obedecendo a um signal de Malestan, se retira.

Aquillo era uma comedia que elle fizera representar para experimentar o filho.

(Continúa na pag. 30)

Josina collaborou dedicadamente na salvação da sua prima

Nas malhas do destino

Conto de JULIO SETH

Cinematographado pela "Fisrt National" com a seguinte distribuição :

Rena Gossing — MIRIAM COOPER
Gossing — MITCHELL LEWIS
Gordon Gray — FORREST STANLEY
Vera Hopton — WANDE WAYNE
Paul Dupré — RICHARD TUCKER

∴

A pequena povoação de Chester fôra outr'ora uma villa de pescadores e era hoje um logar onde iam ter os touristes em villegiatura, que escolhiam esse recanto de New England pela belleza de suas praias. E diante d'essa invasão de elegantes foram desapparecendo, todas as falúas de pesca e um a um se foram tambem os pescadores de outr'ora. Agora só havia al i um barco, que, todas as manhãs rumava para o mar alto, o *Molly B.* Seu antigo patrão, GOSSING, estava cégo, mas contava com o concurso de sua filha RENA, que sabia manejar o barco por elle e por elle pescava ainda.

Adoravam-se aquelles dois entes. Ella era tudo para elle que, cégo, via com seus olhos ; elle era tudo para ella que o adorava.

Uma tarde, quando pensavam voltar, repentinamente armou-se no céu a borrasca. RENA não podendo acostar, teve de bordejar no mar alto, lutando contra immensos vagalhões. E foi entre o bramir do vento e o estalar das vagas que ella, alta noite, ouviu brados de soccorro. Ha um naufrago, que luta com o mar, agarrado a um pedaço de

Vera ficou livida de odio ao ver a esposa de seu antigo noivo

mastro. Resoluta, RENA se atira ás aguas e vai buscal-o embora com grandes difficuldades. O pai fica afflicto, á borda do barco, a chamar por ella. Porem RENA volta a sobe para bordo com o naufrago. O pai corre para ella... tropeça... escorrega... E RENA vê-o precipitar-se no mar revolto ! De novo ella se atira á agua, mas, d'esta vez, foi em vão que procurou, voltando para bordo desesperada.

A alvorada encontrou-a desditosa sentada sobre um rolo de cordas, com os olhos já seccos. O rapaz a seu lado, arrisca algumas palavras de consolo, prompto a se sacrificar por ella se tanto fosse preciso.

— Seria capaz de se lançar ao mar para salvar o meu pai ?

E como elle respondesse affirmativamente, ella cheia de odio por aquelle que fôra a causa da triste occorrencia embora sem culpa, exclamou :

— De que vale esse proposito se elle já morreu ? O que lhe resta fazer, ao senhor, que foi a causa de sua morte, é substituil-o. E para isso tem que se casar commigo! Extranha proposta aquella, que fez GORDON GRAY recordar-se de que tinha, ou antes, tivera uma noiva... Elle e sua noiva, VERA HOPTON com algumas pessoas distinctas estavam em cruzeiro em seu yacth pois que

(Continúa na pag. 34)

Revoltada com a prohibição, Rena toma o telephone e declara a Luiz que acceita seu convite.

Betty Compson

(Continuação da pag. 14)

nhia falliu deixando BETTY sem trabalho nem dinheiro. Elle achava-se então em São Francisco e por falta de recursos não podia vir visitar-me em Salt Lake. Eu tambem não tinha bastante para lhe mandar um pouco.

Sem perda de tempo, ella conseguiu um logar de enfermeira ganhando vinte dollars por mez e trabalhou durante cinco mezes para juntar dinheiro e voltar para casa. Nossa vida, então, era como um romance.

De volta, em Salt Lake, BETTY obteve outro contracto, numa companhia de vaudevilles. Esta viagem foi importante por que nella BETTY ficou conhecendo AL CHRISTIE, que lhe concedeu um ensaio para suas comedias.

De volta da segunda tournée, ella encontrou em Salt-Lacke um telegramma de CHRISTIE, chamando-a para seu studio em Los Angeles.

Muita gente me dizia: «O cinematographo é a cousa mais detestavel deste mundo. E' melhor comprar o bilhete de volta tambem.»

Muito pouco dinheiro nos sobrou depois de termos comprado os vestidos para BETTY. Uma passagem de ida, apenas, custava trinta dollars e de ida e volta custava trinta e cinco. Os cinco dollars extra serviriam para alguma despeza inesperada. Porem BETTY queria estar do lado seguro. Comprou a passagem de ida e volta e viveu de bombons na viagem de Salta Lake e Los Angeles. Assignei o primeiro contracto de BETTY, porque não era ainda maior de edade, porem foi esta a ultima vez em que o fiz. Desde então insisti que ella prestasse attenção a seus proprios negocios, emquanto eu tomava conta de nossa casa.

Seu primeiro ordenado foi de quarenta dollars por semana, explendido em vista dos vinte e cinco que obtinha representando vaudevilles.

Tudo corria pois, muito bem, quando minha filha teve uma desavença qualquer com o ensaiador e perdeu o emprego. BETTY chama os trez mezes que viveu sem emprego, em Los Angeles, a sua hora negra, eu chamo isso Destino e me orgulho da parte que tomei então. Aconselhei e BETTY recusou, repetidas vezes, emprego em comedias.

A sorte estava de nosso lado. Já quasi não tinhamos mais recursos quando BETTY achou dez dollars na rua! E dois dias mais tarde assignava contracto para trabalhar numa serie de fitas.

Isso foi um degráu para a fita «O homem miraculoso» que lhe trouxe fama.

Nossos apuros não seriam tantos se BETTY vivesse contente num pequeno quarto de pensão. Porém sua vida em vaudeville lhe inspirou o desejo de ter uma casa e hoje vivemos de modo mais commodo, mais feliz.

Agora BETTY é estrella e uma das mais queridas. Mas continua a ser a mesma creança adoravel, que será, sempre.

MARY ELISABETH COMPSON.

O louco e Jacques.

O filho do corsario

(Continuação da pag. 28)

JACQUES porem falla-lhe severamente: agora que elle conhece a origem de sua fortuna, não quer participar d'ella.

E, sahindo d'alli vai a Passy, á casa que MALESTAN dêra á sua mãi. Alli encontra o Dr. PARDONEL e JOSINA. E' preciso deixar aquella casa e restituil-a a quem tão mal ganhava o dinheiro. JACQUES saberá ganhar a vida para si e para sua mãi: — será *chauffeur*.

Quanto a PACOLIM deixará o seu logar de secretario, e voltará a ser distribuidor da casa *Le Printemps*.

(*Continúa*)

MILDRED HARRIS, ex-esposa de CARLITOS, trabalhará com ELLIOT DESTER, ex-marido de MARIE DORO (em cinematographia é assim) no primeiro film, que este actor impressionar para uma nova companhia.

OS BRAÇOS NUS

Ouvimos dizer que havia algo de inconveniente na moda dos braços nús: por isso fomos procurar na Confeitaria Colombo uma senhora elegante, pontualissima ao "five ó clock tea" e muito entendida no que diz respeito a modas, a qual nos disse o seguinte: "Actualmente, para nós, não ha mais inconvenientes; embora expostos aos raios solares, os nossos braços conservam a sua côr natural, porque antes de sahir fazemos nelles uma applicação de crême de cêra purificada (PURIFIED WAX CREAM) de Soc: C. P. Frank Lloyd. Lembra-se da infinidade de sardas que tinha nas mãos? Pois olhe, não tenho mais nenhuma para semente (disse-nos com um sorriso brejeiro) e graças ainda a esse crême."

As que ainda não sabiam e que receavam os raios solares já podem andar na moda sem susto.

O caminho de ferro

Film em series da *Universal* com a seguinte

DISTRIBUIÇÃO

Bruce Boyd — WILLIAM DUNCAN
Judith Armstrong — EDITH JOHSON
Coronel Armstrong — *John Cossar*
Morris Blake — *Harris Wodds*
Zabel — *Harry Carter*
Frank Norton — *Ralph Fee MacCullough*
Ralph Dayton — *Albert J. Smith*
Helen Dayton — *Janet Ford*

QUARTO EPISODIO

BRUCE corre em soccorro de miss JUDITH e para isso deixa paralysados os trabalhos quando vinte e oito dias apenas faltavam para que a via-ferrea fosse entregue ao trafego, sob pena de perder o contracto.

Alem de tudo uma amiga desleal de miss JUDITH, uma tal ANN REYNOLDS, trabalha secretamente contra a moça, pondo-se a serviço de ZABEL.

Vai á séde do districto e faz-se passar pela filha de ARMSTRONG apoderando-se da certidão.

Afinal, graças á energia de BRUCE, consegue-se que as obras prosigam porem dous dias depois quando tentava salvar seu pai de mais um dos capangas de ZABEL, miss JUDITH é fechada num barracão dynamitado.

QUINTO EPISODIO

Faltavam agora sómente vinte e seis dias para terminar o prazo em que a construcção da Estrada de Ferro do Valle de S. Marcos deveria estar prompta.

Então, para levar os operarios a se declararem em parede, os inimigos dos concessionarios apoderaram-se do coronel ARMSTRONG, presidente da companhia, que assignava os cheques para o pagamento dos salarios.

Bruce cruzou as pernas sobre o corpo do adversario e paralisou-o

A policia poz-se em actividade para descobrir o paradeiro do coronel, emquanto sua filha JUDITH era salva, devido ao heroismo de BOYD BRUCE.

Mas já no acampamento, reinava a maior agitação, ateiada pelos homens de ZABEL, que augmentavam a gravidade das cousas, declarando que o coronel ARMSTRONG fugira para não lhes pagar.

Entretanto, o coronel tendo sido encontrado, o jovem NORTON, assistente de BOYD é encarregado de ir buscar o dinheiro dos salarios.

Em caminho, porem, BLAKE, antigo capataz, agora a serviço de ZABEL, assalta o rapaz e toma-lhe a vultuosa quantia que elle trazia.

SEXTO EPISODIO

BOYD BRUCE partiu em perseguição dos patifes, que tinham roubado o dinheiro.

A noticia que o valoroso engenheiro tinha morrido chegou ao acampamento. Os operarios persistiam em não voltar ao trabalho.

E vinte e seis dias, apenas, faltavam para terminar a construcção.

Miss Judith perdera os sentidos e foi preciso que o engenheiro a transportasse nos braços.

BRUCE consegue acalmar o pessoal e re-inicia os trabalhos com ardor mas, com grande desespero verifica que começa a faltar lastro para a linha.

(Continúa no proximo numero)

A MULHER DAS 4 FACES

(Continuação da pagina 13)

aquelles soffrimentos RICARDO acabou por confessar que o tinha escondido no bolso do *kimono* do chinez, creado de MARTINHO.

Mas nesse momento, por habil estratagema IZABEL se apoderou de um revolver e disparou-o.

Depois, na presença dos guardas civis, que acudiram ao estampido, ella denunciou os criminosos, que foram entregues á justiça.

Como são nossas esposas

(Continuação da pag. 7).

HELENA e quatro annos se passaram.

Não era muito, mas o bastante para que HAROLD se revelasse indifferente e brutal para com a esposa e voltando-se aos braços de BETTY e ás corridas, não ligando attenção nem mesmo ao filhinho que nascera.

Para cumulo, a pobre HELENA tinha um primo, um tal BOB, typo depravado que tudo fazia por dinheiro.

Devia elle umas lettras a HOWARD HENDRICKS, que lhe prometteu perdoar esse divida, contanto que elle conseguisse que sua prima se divorciasse de HAROLD para casar com elle. BOB tudo fez para isso e como não obtivesse resultado, lembrou-se de BETTY, com quem conferenciou a respeito.

E foi BETTY quem cynicamente, lembrou a HAROLD, então já sem dinheiro, que elle bem poderia se entender com o millionario. Elle amava HELENA e por isso poderia arranjar-lhe um bom negocio.

HOWARD não pôz duvida em dar a HAROLD um excellente emprego, pois tinha já seu plano, que logo revelou, facilitando a HAROLD dinheiro em quantidade de modo que, passando-se algum tempo, HELENA foi chamada ao escriptorio do ricaço, para ouvir delle a accusação de que seu marido o roubára em 25 mil dollars e elle ia mettel-o na cadeia, a não ser que ella consentisse em se divorciar do ladrão para se casar com elle.

Vendo que HELENA repelle essa proposta, o millionario faz-lhe outra : — Não quer o mal do rapaz nem o d'ella. Dará a HOWARD uma opportunidade para se regenerar. Dar-lhe-ha mais 25.000 dollars e o mandará para a America do Sul. Se no fim de um anno elle voltar, tendo feito esse dinheiro fructificar, tudo perdoará ; em caso contrario HELENA consentirá no divorcio e consequente casamento com elle.

E, ás supplicas de HAROLD, a moça cede, de nada servindo a intervenção de JOHN SMITH, que, advogado do ricaço, pouco depois chegava e via entristecido o que se passava.

HAROLD LAWTON partiu assim para a America do Sul. Mas não vai só, pois que sua amante o acompanha e com elles vai BOB, que tem a missão de fazer naufragar qualquer bom intento do rapaz.

Um anno se passa. HELENA tinha um amigo sincero em JOHN SMITH, que se tornou intimo da casa ; e os dois comprehenderam bem depressa que se amavam ; mas a honestidade lhes prohibia o beijo que tanto almejavam.

HELENA via approximar-se com terror o 365.° dia, que lhe restituiria o marido que ella já não amava ou a entregaria ao outro.

JOHN SMITH porem convenceu-se de que não tinha obrigação de respeitar aquelle contracto infame. Mais ainda, já que era preciso restituir os 25.000 dollars a HOWARD. Tinha-os alli e eram d'ella pois que elle se tornára o administrador de seus bens e soubera ganhar esse dinheiro honestamente.

De posse d'essa quantia, HELENA resolveu escrever a HOWARD HENDRICK e ; nessa mesma noite sahiu para collocar a carta na caixa do correio.

Volta a correr para casa, com medo dos transeuntes. Um esbarra com ella, segura-a e encara-a.

Mas abandona-a logo. Ella volta para casa e se deita. Pela madrugada ouve ruido no quarto e vê o marido a seu lado.

Porque estava elle alli e entrára pela janella ?

HAROLD confessou : — matára HOWARD ; e infelizmente durante a luta deixára cahir o relogio pulseira que tinha as iniciaes d'ella... Com certeza era a ella que iam accusar e HAROLD supplicou que ella se deixasse prender e processar pois não havendo outras provas contra ella seria forçosamente absolvida.

No dia seguinte estalou a noticia sensacional nos jornaes ; HELENA foi presa e levada ao tribunal.

Infelizmente diversas provas se avolumaram contra ella : — o relogio com suas iniciaes ; o contracto, do qual ella forçosamente queria se livrar ; sua sahida, nocturna, comprovada pelo desconhecido, que esbarrára com ella, na rua e mais, do que tudo, o revolver que HAROLD utilisára e que deixára cahir no quarto d'ella !

Em vão JOHN SMITH procurou defendel-a, em vão fez uso de todos os argumentos. O promotor criminal era feroz, accusava-a, apertava-a em seus interrogatorios... De modo que os jurados, de volta da sala secreta, trouxeram o veredicto : — culpada e condemnada !

Nesse momento ha tumulto á porta da entrada do salão. E' HAROLD, que entra, como um doido. Chega até á meza do juiz e, em altas vozes, confessa seu delicto. Fôra elle que já sem recursos na America e incitado pela amante e por BOB, voltára para exigir mais dinheiro do millionario, para se retirar e deixal-o só em campo. Fôra repellido e aggredido. O outro quizera matal-o ; então elle lutára e lhe tomára a arma, matando-o. A esposa sabia e se deixava accusar para salval-o, para salvar o nome de seu filhinho !

Acabando de fazer sua confissão, HAROLD leva aos labios um vidro de vitriolo de que se munira. E seu corpo rolou no chão, em agonia. Foi ainda HELENA quem correu para elle e lhe amparou a cabeça.

Passado mais um anno, viu emfim ella raiar a verdadeira aurora da felicidade e JOHN SMITH viu tambem attingido o seu mais bello sonho.

x

PAX DOMINE

(Continuação da pag. 10).

contraste flagrante com o estado de seu coração, PASCHOAL corre a rondar as immediações da casa de CARLOTA. E chega justamente no momento em que JOÃO não podendo mais supportar o peso dos remorsos, confessa sem esquecer nenhum pormenor a maneira como matára o pobre BRENNER.

PASCHOAL tudo ouvira e vendo o horror de CARLOTA deante de tal revelação, penetra na casa afim de matar JOÃO.

Uma luta tragica, horrivel trava-se entre os dois.

CARLOTA, como allucinada, corre de um lado para outro, sem saber o que fazer. De repente uma ideia lhe occorre : — monta a cavallo e desvairada esporeia o animal que parte em disparada infernal. Com os cabellos revoltos, as roupas rasgadas, as feições transtornadas CARLOTA era a imagem viva do desespero.

Mas JOÃO e PASCHOAL notando a fuga de CARLOTA têm o presentimento da desgraça e abandonam a luta para ir em soccorro da jovem. Montam a cavallo e seguem-a a toda velocidade...

CARLOTA chega ante horrivel precipicio. Porem, por mais que acicate o animal este recua, dá pulos, mas não obedece.

Na borda do penhasco, JOÃO e PASCHOAL tudo comprehenderam, quando viram o animal atirar CARLOTA para o lado opposto ao abysmo.

Abrindo os olhos, ella vê os dois rapazes a seu lado e avistando JOÃO, um sentimento de pavor e odio se estampa em sua physionomia e confiante procura abrigo nos braços de PASCHOAL.

JOÃO pede que o perdôe e foge para o labyrintho d'aquella mysteriosa floresta.

Pax Domine para o seu coração !

EDMUND ROSTAND.

x

CHARLES RAY abandona momentaneamente a tela para fazer o papel de protagonista em uma peça theatral adaptada do *film* intitulado «*Aquella que eu amei*», e que tanto exito alcançou nos cinematographos de todo o mundo.

Juntos afinal, Korak e Meriem eram completamente felizes.

Korak deitou mãos ao atrevido e fel-o tombar.

O Filho de TARZAN

Romance de EDGAR RICCE BERROUGHS

Cinematographado pela *National Film Corporation*, com a seguinte

DISTRIBUIÇÃO

Lord Greystoke — *P. Dempsen*
Lady Greystoke — *Karla Scheman*
Jack, o filho de Tarzan aos, 15 annos — *Gordon Griffith*
Merien, a filha do Sheik — *Mae Giraci*
Korac, Jack, aos 20 annos — *Kamuela C. Searle.*
Ivan Paulvicth — *Eugene Burr*
Meriem, cinco annos depois — *Manilla Martan*
O Sheik — *Frank Morell*
Malbihn — *Ray Thompson*

(C n'inu ção)

2.° EPISODIO — A CAVALGADA NOCTURNA DE MERIEN

O negro, que perseguia MERIEM, pereceu ás mãos de TARZAN. Foi o heroico filho das selvas quem, chegando no momento em que sua protegida ia morrer ás mãos do antropophago, a salvou d'essa morte e abateu o negro.

Quem não gostou muito d'essa nova proeza de lord GREYSTOKE do foi PAULVITCH. Em companhia marinheiro sueco, seu alliado espreitava elle a moça, para assim que se manifestasse a occasião propria, arrancal-a dos braços do negro e apoderar-se d'ella : mas TARZAN adiantou-se-lhe e estragou-lhe o plano.

Todavia, o bandido não esmoreceu. Audacioso, como sempre, installou-se com o companheiro nas terras de TARZAN e esperou calmamente que os acontecimentos fizessem com que a virgem da floresta cahisse em seu poder.

Entretanto, MERIEM recebia as declarações de amor de BAYNES. O *gentleman* não tinha intenções sérias para com ella ; desejava sómente seduzil-a, porque a achava bonita ; e, se lhe fallava em casamento, era para mais facilmente conseguir o triumpho.

MERIEM ingenuamente acreditava em BAYNES. Não sabia — ella me ma o affirmava — se lhe tinha amor, mas sympathisava com elle e, como suppunha que KORAK estivesse morto, podia muito bem tomal-o, como esposo. Confiante, pois, nas promessas do *gentleman*, vivia com elle como verdadeira namorada.

A's vezes, davam grandes passeios, pela floresta, onde MERIEM se recordava dos felizes dias passados, ao lado de KORAK.

BAYNES, quando, em meio d'esses passeios, a noite chegava e os dois estavam ainda longe de casa, tinha medo ; mas MERIEM acalmava-o, dizendo-lhe que as féras da floresta, entre as quaes tinha vivido tanto tempo, eram suas amigas e não lhe faziam mal.

A linda adolescente era de facto extraordinariamente c o r a j o s a , mas isso não seria bastante para que deixasse de se acautelar, como BAYNES lhe recommendava.

Uma noite, para terror de ambos, os leões surprehenderam-os, em meio da floresta.

BAYNES fugiu logo, amedrontado, sem pensar mais em MERIEM que só não foi victima de uma das feras, por que KORAK, apparecendo subitamente, a salvou. O heroe das selvas não reconheceu, porém, aquella que amava e por quem soffria. E d'ella afugentou a fera, de longe, e retirou-se ; e, como MERIEM tambem não o viu, continuaram ambos a ignorar a existencia um do outro.

13.° EPISODIO — CORAÇÃO EM CHAMMAS

Foi sómente muitos dias depois que KORAK, tornando a encontrar MERIEM na floresta, reconheceu-a ; mas, como ella estava em companhia de BAYNES, que a abraçava elle comprehendeu que a tinha perdido para sempre.

Imagine-se a dor que sentiu o filho do TARZAN, principalmente quando viu o *gentleman* beijar a eleita de seu coração ! Teve desejos de morrer, naquelle instante ; mas Deus conservou-lhe a vida, e elle, decidiu aproveital-a, para proteger aquella que amava.

Posto em pratica o plano idealisado, que era o de attrahir a moça á floresta, certa noite, mesmo contra as ordens de lord GREYSTOKE, teve elle o melhor exito ; porem, PAULVITCH, uma vez senhor da presa, quiz explora!-a sózinho e procurou enganar os cumplices. Um d'elles assassinou-o e por sua vez quiz raptar a virgem da floresta.

(C tinú n pr ximo numer).

Victoria dupla

(Continuação da pag. 27)

mo foguista até o primeiro porto.

Duas horas apoz essa terrivel sentença ARNOLD tem uma agradavel surpreza : o commissario de bordo vem communicar-lhe que, uma jovem passageira informada de sua triste situação, promptifica-se a fazer o pagamento de sua passagem.

O commandante esquiva-se, porem, a declarar o nome de tão generosa creatura, pois a isso não fôra autorisado.

Então impulsionado pelo desejo de patentear o seu agradecimento ARNOLD percorre o navio a pesquizar, a indagar quem teria sido a bondosa desconhecida, que o livrára de tão embaraçosa situação.

. . . .

Imagine-se qual não foi sua surpreza descobrindo em miss CAROLINA sua bemfeitora.

E, não obstante ser ella a secretaria de seu inimigo, a convivencia durante a viagem augmentou mais e mais a expontanea sympathia que entre elles se estabelecera desde o primeiro momento em que se viram.

Faltavam apenas trez dias para a chegada a Pago Tai, quando ARNOLD foi procurado em seu camarim por LANGDON, que lhe vinha propor uma alliança.

O jovem secretario de WHIP-

PLE não acceitou essa proposta e, desde esse momento, LANGDON começou a perseguil-o por todos os meios imaginaveis.

Para a execução de seus planos ARNOLD não deveria desembarcar na ilha e, para isso, o ardiloso israelita estava resolvido a empregar quaesquer recursos.

No porto de O'Hope, deveriam tomar uma pequena embarcação para os levar a Pago Tai. LANGDON compra esse barco e assim impede que ARNOLD nelle siga para a ilha.

Porem, mais uma vez miss CAROLINA vem em seu auxilio offerecendo-lhe dinheiro com que elle pode alugar uma lancha, que, em poucos minutos, o conduz a Pago Tai.

LANGDON não pode suppor que justamente CAROLINA — sua intelligente secretaria — esteja protegendo seu adversario.

No dia seguinte, alguns indigenas, assalariados por LANGDON, tentam assassinar ARNOLD quando elle se dirige para a mina de opalas.

Frustrada mais essa cobarde tentativa, ARNOLD tem uma luta com o proprio LANGDON no cume de um monte escarpado e atira-o ao precipicio.

No mesmo dia compra a celebre mina e volta para New-York, onde completa sua grande aventura casando-se com a gentil CAROLINA.

DOROTHY YOST.

Nas malhas do destino

(Continuação da pag. 29)

GORDON GRAY é immensamente rico. A tempestade d'aquella noite fizera sossobrar o navio. Era preciso fugir na unica embarcação de bordo e GORDON pedira ao commandante que pilotasse o barco. Elle ficaria em seu logar, a bordo. Vira o barco afastar-se para, um pouco ao longe, batido por uma vaga, sossobrar tambem...

Agora, na pequena povoação de Chester, onde foram encontrar o corpo do desgraçado cégo, não pode fugir ao compromisso tomado. E casaram-se. Uma pequena casinha, limpa e confortavel os abrigou. GORDON mostrou-se cavalheiro de sociedade tão attencioso, que desconcertava RENA, não acostumada áquelles modos, mas aos poucos se acostumando com elles. Entretanto continuava a tratal-o com rancor, culpando-o pela morte do pai.

GORDON não podia continuar com aquella vida. Precisa de voltar a seu meio e RENA tem de acompanhal-o a New-York, onde a chegada do rapaz causou sensação pois que o julgavam morto. E a tia que o recebeu deu-lhe outra noticia tambem sensacional: — sua noiva, VERA HOPTON, tambem se salvára...

E VERA, que chegou momentos apoz, alegre por haver recuperado o noivo, sentiu-se humilhada ante a verdade. Olhou com desprezo para a outra e vemos em seus olhos lampejos de colera.

Porem seis mezes se passaram e foram bastantes para uma completa transformação de RENA. Um dia GORDON organisou uma recepção em seu palacete, para apresentação de sua esposa á sociedade. Foi então que RENA tornou a ver LUIZ DUPRÉ. No tempo em que ainda seu pai estava vivo, elle estivera em passeio na pequena povoação de Chester. Artista photographo tivera occasião de vel-a e photographára-a para a capa de uma revista. A semana que elle alli passára chegára para povoar de sonhos a mente de RENA, mas depois elle partira...

VERA HOPTON soube de tudo isso e em seu rancor, resolveu tirar partido do caso, tanto mais quanto RENA, sentindo-se feliz com aquelle encontro, deixava-se levar por DUPRÉ, que entrou a convidal-a para ir aqui e alli, a um theatro, restaurant ou cabaret, de modo que os maldizentes começaram a murmurar. E um dia o marido se viu na contingencia de com todo o respeito, como sempre a tratára, fazer-lhe ver a inconveniencia d'aquellas relações. RENA, dando de hombros, foi ao telephone, pedindo ligação para DUPRÉ, com grande indignação de GORDON, que ouviu:

— «Pois meu caro, resolvi o contrario e acceito seu convite. Iremos esta noite jantar no Royal Palace...»

O que ella não esperava é que GORDON surgisse a seu lado, no restaurant luxuoso, onde se sentou dizendo:

— Faço-me convidado. Venho zelar por meu nome.

RENA quer levantar-se porem elle obriga-a a ficar.

— Eu a prohibi de vir e a senhora veiu; vamos a saber: ama o senhor DUPRÉ? Não me opponho a isso, já que não me pode supportar. Tratarei immediatamente do divorcio...

RENA levantou-se. DUPRÉ quiz offerecer-lhe seu braço.

— Deixe-me!... Odeio tanto um como outro.

E, como se retirasse, DUPRÉ disse a seu rival:

— Amo-a e previno-o de que tudo farei para conquistal-a.

Pela manhã, sabendo GORDON que RENA não dormira em casa deduziu o que se passára. Ella tinha voltado a Chester. Dirigiu-se para a pequena povoação de New England. RENA não sabia que no mesmo trem que ella, viajára DUPRÉ, seguindo-a. GORDON tambem não sabia. Chegando pela manhã á povoação, dirigiu-se á praia, para ver o «*Molly B*» balançar-se ao sabor das ondas e viu um vulto no tombadilho. Mas um barco se approxima e GORDON reconhece nelle LUIZ DUPRÉ. Sem hesitar deixa o casaco e atira-se á agua.

RENA vira com pavor DUPRÉ subir para bordo. Elle diz-lhe:

— Vim para lhe dizer que hontem mesmo GORDON partiu com VERA HOPTON, deixando New-York...

— Mente! Não posso acreditar nisso...

Mas viu-se enlaçada por elle que quer, á viva força, beijal-a. Mas outro homem surge no tombadilho. Escorrendo agua, alli estava GORDON, que segura-o. Interpella RENA sobre seus designios e DUPRÉ se vale de sua distracção para lhe pregar um murro, que o abate, dando-se pressa depois em atirar-se á agua, nadando para a praia. Mas GORDON segue-o e, como elle fuja para os altos rochedos, persegue-o, para segural-o e ministrar-lhe alguns soccos que o abatem por sua vez.

Agora, não ligando mais attenção ao rival cahido, GORDON fica a olhar para a falúa, onde se acha RENA, que tudo presenciou. E ella vê que DUPRÉ se levanta e á trahição impelle seu marido para o mar num logar onde havia pedras e agua cachoeirante... RENA, lançando um grito de desespero, atira-se á agua, para pouco depois levar para a falúa o corpo do seu marido. Felizmente elle pouco se magoára. E quando abriu os olhos viu bem junto ao seu o rosto da mulher, que amava. E um beijo uniu-os, afinal, para sempre.

EXTRAVAGANCIA

(Continuação da pag. 21)

Parece que o mal está sanado. De posse dos cinco mil dollars, NANCY vai ao escriptorio do sogro afim de lhe entregar o dinheiro.

Porem, enfurecido pelo procedimento deshonesto do filho, o Sr. VANE não quer acceitar. Prefere ver condemnado DICK pela degradante acção que praticou e declara peremptoriamente a que o tresloucado irá pagar seu erro na prisão.

NANCY, chora, supplica, mas finalmente convence-se de que são inuteis todos os seus rogos.

De resto, o velho banqueiro diz que sómente ella é a culpada do acto indigno praticado por DICK.

Fôra ella, com a sua requintada vaidade, que o coagira ao passo criminoso.

NANCY interrompe-o, não para se justificar, mas para assegurar-lhe de que tão sincero é seu amor por DICK e tão profundo seu arrependimento, que tudo fará para restituir-lhe a felicidade. perdida.

E o velho, numa subita inspiração, propõe-lhe que ella prove a sinceridade de suas palavras e assim liberte DICK do estigma da cadeia — separando-se d'elle.

A pena é deveras cruel.

NANCY não pode sequer proferir, uma palavra. DICK é toda sua vida.. Comtudo sua hesitação é momentanea.

Ella acceita o sacrificio e dirige-se para a porta.

No mesmo instante, DICK tendo no semblante os signaes evidentes de uma horrivel batalha intima, entra pela porta opposta e segura-a pelos braços.

Em seguida, voltando-se para o pai, confessa seu aviltante crime e diz-se preparado para receber a terrivel sentença — irá para a prisão.

Então o velho VANE commove-se ante quadro tão pungente.

Ella, preferindo perdel-o a vel-o preso, humilhado. Elle, entregando-se á prisão para não perdel-a.

Afinal, NANCY e DICK receberam uma justa e proveitosa lição.

Sómente agora comprehendem o que verdadeiramente significa um pai.

E, no antigo lar, que lhes parecera pequeno e humilde, os dois encontram a verdadeira felicidade.

BEN AMES WILLIAMS.